

**Ismia Kariny Correia da
Silva Costa**

Universidade Federal do
Ceará – UFC

E-mail:
ikcjornalista@gmail.com

Edgard Patrício

Universidade Federal do
Ceará – UFC

E-mail: edgard@ufc.br



Este trabalho está licenciado sob
uma licença [Creative Commons
Attribution 4.0 International
License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Copyright (©):

Aos autores pertence o direito
exclusivo de utilização ou
reprodução

ISSN: 2175-8689

A cultura profissional e a percepção da presencialidade como dimensão de qualidade da produção jornalística

*Professional culture and the perception of
presence as a quality dimension of
journalistic production*

*La cultura profesional y la percepción de
la presencialidad como dimensión
cualitativa de la producción periodística*

Patrício, E., & Kariny Correia da Silva Costa, Ísmia. A cultura profissional e a percepção da presencialidade como dimensão de qualidade da produção jornalística. Revista Eco-Pós, 26(2), 455–479. <https://doi.org/10.29146/eco-ps.v26i2.12382>

RESUMO

A pandemia da covid-19 impactou as rotinas de trabalho do jornalismo. Aqui, buscamos compreender como a redução da presencialidade pode afetar a qualidade da informação jornalística. Discutimos sobre a qualidade na produção jornalística (Guerra, 2016; Meijer e Bijleveld, 2016; Fürst, 2020; Santos e Guazina, 2020), estabelecemos um diálogo sobre a dimensão da presencialidade no jornalismo (Medina, 2016; Pantti *et al.*, 2019; Margalit, 2020; Figaro, 2021; Peres, 2021) e realizamos uma pesquisa exploratória seguida de aplicação de um *survey* com 112 profissionais, docentes e estudantes de jornalismo. Identificamos que a presencialidade atravessa diversos momentos da produção jornalística, e é considerada por 66% dos respondentes como um fator de importância acima da média para a qualidade do jornalismo.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornalismo; Cultura Profissional; Qualidade; Presencialidade.*

ABSTRACT

The covid-19 pandemic has impacted the work routines of journalism. Here, we seek to understand how the reduction of presence can affect the quality of journalistic information. We discuss the quality of journalistic production (Guerra, 2016; Meijer and Bijleveld, 2016; Fürst, 2020; Santos and Guazina, 2020), we establish a dialogue on the dimension of presence in journalism (Medina, 2016; Pantti *et al.*, 2019; Margalit, 2020; Figaro, 2021; Peres, 2021) and carry out an exploratory research followed by the application of a survey with 112 professionals, professors and journalism students. We identified that face-to-face presence crosses several moments of journalistic production, and is considered by 66% of respondents as a factor of above-average importance for the quality of journalism.

KEYWORDS: *Journalism; Professional Culture; Quality; Presence.*

RESUMEN

La pandemia del covid-19 ha impactado las rutinas laborales del periodismo. Aquí, buscamos comprender cómo la reducción de la presencialidad puede afectar la calidad de la información periodística. Discutimos la calidad de la producción periodística (Guerra, 2016; Meijer y Bijleveld, 2016; Fürst, 2020; Santos y Guazina, 2020), establecimos un diálogo sobre la dimensión de la presencialidad en el periodismo (Medina, 2016; Pantti *et al.*, 2019; Margalit, 2020; Figaro, 2021; Peres, 2021) y realizamos una investigación exploratoria seguida de la aplicación de una encuesta a 112 profesionales, profesores y estudiantes de periodismo. Identificamos que la presencialidad atraviesa varios momentos de la producción periodística, y es considerada por el 66% de los encuestados como un factor de importancia superior al promedio para la calidad del periodismo.

PALABRAS CLAVE: *Periodismo; Cultura Profesional. Calidad; Presencialidad.*

Submetido em 16 de agosto de 2022

Aceito em 07 de dezembro de 2023

Introdução

Mesmo diante de crises multifacetadas, o jornalismo deve permanecer produzindo informação de qualidade. Esse é um requisito necessário para que as organizações jornalísticas se mantenham como instituição social de referência para as sociedades democráticas (Guerra, 2016). Ser ponte entre diferentes grupos sociais, traduzir informações e interpretar a realidade são elementos primordiais da atividade jornalística. São, inclusive, práticas consolidadas sob a ótica do direito do público à informação. Partindo dessa reflexão, entendemos que a problemática em torno da qualidade no jornalismo permanece atual e relevante. Afinal, com o surgimento de novos modelos e práticas, o jornalismo se depara com novos dilemas, que desafiam seus princípios éticos e a sua responsabilidade perante a sociedade. Por consequência, a qualidade da atividade e do produto jornalístico podem ser impactadas por essas mudanças.

Se queremos discutir a qualidade da informação jornalística numa perspectiva crítica, devemos nos apropriar de como as investigações do campo vêm analisando esse cenário. Os trabalhos desenvolvidos sobre o tema nos últimos anos parecem apontar para pelo menos duas perspectivas: i) a qualidade sob a perspectiva da organização; e ii) a qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público. Parte considerável das pesquisas sobre o tema, no Brasil, é voltada para a gestão da qualidade editorial como instrumento de *accountability*, de uma perspectiva organizacional (Guerra, 2016; 2018; Almeida e Silva Neto, 2018; Rothberg e Garrido, 2018; Santos *et al.*, 2018; Guerra; Feitoza e Gonçalves, 2019; Santos e Guazina, 2020). Enquanto na literatura internacional, que também se dedica à construção de indicadores e instrumentos de avaliação da qualidade, são considerados parâmetros mais diversificados, que não necessariamente correspondem a exigências técnicas ou requisitos para construção de normas organizacionais (Pellegrini; Puente; Grassau, 2015; Meijer e Bijleveld, 2016; Fürst, 2020; Rivas-de-Roca; Caro-González; García-Gordillo, 2020).

Esse artigo é resultante de uma pesquisa mais ampla que intenciona construir uma matriz de indicadores que estabeleçam níveis de mensuração da qualidade no jornalismo. Para tanto, definimos como estratégia metodológica o diálogo com a(o)s envolvida(o)s diretamente nos processos de produção e consumo da informação jornalística, sejam ela(e)s profissionais jornalistas, estudantes de jornalismo, docentes de jornalismo e audiências, no sentido de

emprestar representatividade e legitimidade às investigações. Frente às limitações causadas pela pandemia da covid-19, discutimos, especificamente nesse texto, com profissionais, estudantes e docentes de jornalismo como a ausência da *presencialidade* nos processos de produção jornalística poderia interferir na qualidade final do produto jornalístico.

1. Dimensões de qualificação do jornalismo

Com base em uma extensa revisão de literatura sobre a temática da qualidade do jornalismo, que englobou o período de 2015 a 2022 em periódicos e anais de eventos de referência no campo, bem como dissertações e teses que abordassem a discussão, foi possível encontrar 17 dimensões da qualidade da produção jornalística: objetividade, subjetividade, pluralidade, veracidade, interesse público, transparência, responsabilidade social, independência, apartidarismo, imparcialidade, verificabilidade, precisão, proximidade, atualidade, diversidade, presencialidade e ética. A princípio, entendemos que essas dimensões podem estar incorporadas a pelo menos quatro momentos da produção jornalística: organização do trabalho, rotinas de trabalho, produto e relação com a audiência.

Embora esteja diretamente relacionada com as práticas produtivas do jornalismo, a qualidade jornalística estaria também vinculada a instâncias exteriores a essa produção, como a cultura da organização jornalística e, de forma ainda mais ampla, à sociedade (ou o contexto social) — que seria um agente de influência para essas organizações, ratificando as conclusões a que chegaram Romero-Rodríguez e Aguaded (2016). Grosso modo, as abordagens investigativas sobre a qualificação do jornalismo apontam para dois eixos: i) a qualidade sob a perspectiva da organização; e ii) a qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público.

1.1. Qualidade sob a perspectiva da organização

No geral, tendo em vista as limitações de referências universais do que seria a *excelência jornalística*, a busca pela definição de qualidade é costumeiramente realizada a partir da percepção de quem trabalha ou estuda o jornalismo, afirmam Santos e Guazina (2020). Ou seja,

a partir de análises acadêmicas e da opinião dos profissionais é possível realizar um esforço para a identificação e categorização do que seria o *bom jornalismo*.

O conceito de qualidade também costuma ser analisado a partir das tensões entre outras esferas envolvidas nesse processo de definição e que também podem se beneficiar do bom jornalismo (Santos *et al.*, 2018). São elas: as próprias empresas, que podem entender a qualidade como investimento estratégico; os observatórios de imprensa; e os órgãos governamentais, considerando o papel fundamental que a instituição jornalística exerce na democracia e na tomada de decisões do público.

Guerra (2016, p. 2-3) considera que há “ausência de métodos e critérios mínimos capazes de aferir a qualidade editorial em níveis aceitáveis de confiabilidade”. Sem esses métodos e critérios a discussão pode ficar limitada a aspectos subjetivos, políticos ou ideológicos (Almeida e Silva Neto, 2018). Guerra (2016), na continuidade, apresenta um sistema de avaliação da qualidade editorial, baseado na norma Qualidade ISO 9000¹. A plataforma reúne um conjunto de requisitos que podem servir de parâmetros para produção do jornalismo de qualidade. Em síntese, o conceito de qualidade jornalística levaria à “comparação entre características apresentadas pelos produtos e os requisitos: a) necessários para o seu funcionamento; e b) esperados pelos usuários. Quanto mais próximas as características estiverem dos requisitos, maior a qualidade” (Guerra, 2016, p. 8). Análises semelhantes foram realizadas por Santos *et al.* (2018) e Almeida e Silva Neto (2018), que utilizaram o mesmo sistema de avaliação de qualidade na análise de produções jornalísticas de veículos regionais brasileiros.

Guerra, Feitoza e Gonçalves (2019) utilizam o software Qualijor (sistema de gestão orientado para a qualidade editorial), para medir o desempenho das produções a partir dos requisitos *pluralidade* e *relevância*. Os requisitos foram mensurados levando em consideração variáveis como tipo dos relatos e equilíbrio de pontos de vista, para identificar o Índice de Pluralidade Jornalística (IPJ) na cobertura, e o número de fontes acionadas por ponto de vista e a sua distribuição nas matérias, para o Indicador de Representatividade das Fontes (IRF). Para

¹ Certificação que atesta o padrão de qualidade de uma empresa. No Brasil, é editada pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

medir a relevância os autores recorreram à *Matriz de Relevância*, que corresponde à estruturação de um conjunto de valores-notícia aplicados à análise das produções.

Embora as produções tenham apresentado bom desempenho no indicador de representatividade das fontes e, de forma razoável, equilíbrio entre as partes envolvidas em conflitos; também foram percebidos problemas como cobertura descalibrada dos temas e falta de confronto nos argumentos apresentados pelas matérias. Com o diagnóstico, os autores puderam identificar a necessidade de os veículos jornalísticos trabalharem melhor o seu planejamento de cobertura e o mapeamento das áreas de interesse. Outra sugestão foi o investimento em pautas que visem a confrontar argumentos entre as partes em conflito, como forma de tornar as produções mais consistentes, plurais, e menos saturadas em conteúdo.

Para Rothberg e Garrido (2018), a qualidade seria entendida sob três perspectivas: i) a qualidade como diferencial competitivo, pelo qual uma empresa consegue promover uma boa imagem e se destacar em relação às outras; ii) como cultura organizacional, na padronização de procedimentos, visando à otimização de recursos; que “padroniza procedimentos, reduz desperdícios, otimiza recursos e atende rapidamente às demandas que recebe” (Christofolleti *apud* Rothberg e Garrido, 2018, p. 3); e iii) a qualidade como responsabilidade social, com “ênfase sobre procedimentos de acompanhamento da recepção do conteúdo e consideração de feedbacks na formulação e reformulação das rotinas produtivas” (Rothberg e Garrido, 2018, p. 3).

1.2. Qualidade como característica do produto e entendida enquanto serviço público

Enquanto na literatura latino-americana interessa a qualidade entendida como uma responsabilidade social do jornalismo, escolas como a norte-americana e a alemã se inclinam, respectivamente, para estudos da qualidade segundo a orientação comercial e o aspecto profissional da instituição (Rivas-de-Roca; Caro-González; García-Gordillo, 2020). Os estudos dos autores recorrem a estudos de casos múltiplos e a entrevistas semiestruturadas, com profissionais da mídia local da Alemanha, Espanha e Reino Unido. A ideia é explorar a percepção de qualidade destes profissionais e construir uma proposta de indicadores de qualidade jornalística derivados da profissão. A pesquisa resultou em sete parâmetros,

categorizados entre aqueles relacionados ao *gatekeeping*, como comprometimento, transparência, reflexividade, qualidade do produto e descrição dos fatos, e ao *newsmaking*, como a qualidade como benefício social e vigilância do poder.

Rivas-de-Roca, Caro-González e García-Gordillo (2020) também endossam argumento de Sánchez-Tabernero (2008), que já apontava a qualidade como detentora de uma dimensão objetiva, relacionada a padrões deontológicos, e de uma dimensão mais subjetiva, voltada para a percepção do público. Dessa forma, entendem que a qualidade pode ser mensurável por sistemas quantificáveis. Um problema identificado, todavia, é a tendência para o uso de informações de origem não jornalística e o hábito da leitura *scan*², em que as informações encontradas nem sempre são bem aproveitadas. Essa prática tem feito parâmetros comuns na medição da qualidade, como gênero, fontes, tratamento, perderem sua eficácia.

Também nesse contexto, o jornalismo em ambiente digital passou a adotar lógicas da cultura relacionada às tecnologias, que impactam a produção jornalística, incluindo sua periodicidade e dinâmicas mercadológicas (Prazeres e Ratier, 2019). Esse novo ritmo pressionou jornalistas a produzirem em alta demanda, tomando o excesso e a aceleração como regras, o que repercute na ausência da checagem, na apuração aprofundada e na produção de informações sem uma fonte confiável, colocando em negligência os critérios clássicos de noticiabilidade.

Essas práticas são um risco dentro do ecossistema informativo de alta qualidade, pois colocam em xeque a própria ideologia profissional do jornalismo, enfraquecendo conceitos como *verdade*, *confiabilidade* e *responsabilidade social*. Além disso, informações apuradas de forma negligente podem se misturar a notícias reais e ganhar repercussão em um cenário já fragilizado pela hiperinformação e infoxicação nas redes digitais, enfatizam Prazeres e Ratier (2019). A ideia da verdade jornalística como uma soma da apuração correta dos fatos (nas matérias individuais) constituindo a fundação, uma base de estruturação — contexto, interpretação, debate e toda a comunicação pública — é tributária de um ecossistema informativo de alta qualidade. Se a fundação é débil, tudo o mais balança (Prazeres e Ratier, 2020).

² Leitura *scan* ou *scanning* se refere ao hábito de leitura rápida guiada pela busca de palavras-chave, frases ou ideias específicas nos textos.

Outra novidade proporcionada por essa cultura tecnológica é o uso das métricas de audiência para orientar a produção de conteúdo na internet. Para jornalistas, elas se tornaram ainda um feedback do sucesso ou fracasso de suas produções (Fürst, 2020). Além de influenciarem diretamente na definição de tópicos mais atraentes para o público, que poderiam ser incluídos em suas reportagens, como forma de gerar mais tráfego e destaque para o veículo em que trabalham. Ainda de acordo com Fürst (2020), esse monitoramento demanda recursos, o que pode aprofundar a crise financeira das empresas jornalísticas. Com a redução desses recursos aplicados à atividade-fim, a qualidade da cobertura noticiosa sofre um impacto negativo. E a própria percepção dos jornalistas sobre o que é notícia de qualidade e um bom trabalho jornalístico pode se modificar, reflete Fürst (2020).

Baseados na Teoria de Usos e Gratificações, Meijer e Bijleveld (2016) tentam estabelecer dimensões para o que chamam de *jornalismo valioso*, uma estratégia de ligação entre os critérios de marketing (popularidade) e as dimensões jornalísticas (importância social). E o definem a partir de quatro dimensões: urgência, conexão pública, compreensão da região e capacidade de resposta do público. Sugerem como as práticas de seleção de notícias dos usuários são mais inclusivas do que os jornalistas costumam assumir e menos triviais do que as métricas da web sugerem (Meijer e Bijleveld, 2016).

Para além dos interesses subjetivos do público no consumo de notícias, e apesar da fragilidade com que se discute o jornalismo em tempos de crise de credibilidade e de capital, vale reforçar que é na própria crise que o jornalismo reafirma a sua importância. Eventos como desastres de ordem natural ou humana, rupturas democráticas, e mesmo a pandemia atual, são situações imprevistas que afetam amplos setores da sociedade (Pellegrini; Puente; Grassau, 2015). Nessas situações, cresce a necessidade do público por informações; e aumenta-se a cobrança para o cumprimento da responsabilidade social do jornalismo.

Nesse sentido, Pellegrini, Puente e Grassau (2015) propõem uma reflexão acadêmica que possa ajudar jornalistas a desenvolver um trabalho de qualidade sob alta pressão e urgência. A ideia é desenvolver um instrumento que possa dar conta das diferenças de produção em momentos distintos da cobertura, que possam servir de base para orientar os profissionais a como reagir diante de situações de desastre. Em especial, porque a partir dos resultados foi percebida alta presença de opinião e especulação na cobertura midiática, além

do uso de recursos para aumentar a emocionalidade da situação — um indício do que poderia ser o uso de sensacionalismo no tratamento das informações.

2. A presencialidade na qualificação jornalística

Neste artigo, nos interessa investigar uma das 17 dimensões identificadas no processo de revisão de literatura da pesquisa com a avaliação da qualidade da produção jornalística: a *presencialidade*, percebida na perspectiva de sua vinculação com as rotinas de trabalho. A dimensão nos parece relevante no contexto da pandemia da covid-19, que reforçou crises e impactou diretamente as rotinas do jornalismo, sobretudo no primeiro semestre de 2020. A crise na saúde promoveu limitação de acesso presencial às fontes, às ruas e às cidades, ao restringir a mobilidade de diversas categorias trabalhistas, obrigando parte do setor a aderir ao modelo de trabalho remoto. Todas essas mudanças cooperam para o cenário de precarização do trabalho e das condições de produção do jornalismo.

2.1. O jornalismo sentado e os cinco sentidos na apuração

O jornalista que investiga o fato social, que enriquece suas preocupações imediatas com ambição filosófica, esse *não se encontra por aí com facilidade*. “As dificuldades da sobrevivência, a luta competitiva pelo pão de cada dia, a falta de círculos de estudo alternativos à rotina técnica provocam empobrecimento no repertório” (Medina, 2008, p. 32). Daí a necessidade que o jornalista avance na decifração do *real*, compreendido como categoria mais ampla do que a notícia e seu estrito sentido técnico. Para chegar nesse estágio, o jornalista precisa compreender as nuances da interação social transformadora, desenvolver a intuição afetiva do ato relacional ao vivo, presencial (Medina, 2016).

Com as vantagens da era digital, no entanto, o ato presencial parece ter se enfraquecido. As novas dinâmicas de trabalho favorecem o uso de recursos remotos, e a praticidade das ferramentas tecnológicas contribuem para que a produção seja realizada a distância. Com apenas uma chamada de vídeo, ligação ou mensagem instantânea, uma série de atividades podem ser concluídas. Embora não se descarte as contribuições positivas das tecnologias para

o avanço da prática jornalística, quando se leva em conta as condutas típicas do chamado *jornalismo sentado*³, temos um motivo de preocupação.

Waltz (2015) recorda que, na primeira metade do século XIX, a prática de coleta de notícia era o que distinguia jornalistas de outros grupos profissionais. Ser jornalista tinha como pressuposto "relatar o campo, apurar a informação, dominar a arte da entrevista" (Waltz, 2015, p. 125). Pulando para o presente, conforme Waltz (2015), as rotinas de trabalho impostas aos profissionais na segunda década do século XXI tem colocado em xeque seu papel de mediador — pensamento compartilhado também por Medina (2016). A sobrecarga de tarefas, conforme o pesquisador, também compromete a qualidade informativa do noticiário. São problemas que afetam amplos setores do jornalismo, mas são especialmente identificados na produção para o ambiente digital.

A partir de entrevista com um grupo de jornalistas de diferentes veículos sediados no Rio de Janeiro, o pesquisador tentou mapear construções simbólicas sobre a influência da sedentarização na produção jornalística. Entre os relatos, os profissionais comentaram sobre as dificuldades de sair da redação para os ambientes urbanos; sobre a contribuição do ato de *flanar* para o desenvolvimento de pautas relevantes; sobre as dificuldades de acesso à fonte, diante da consolidação das assessorias de imprensa, que se tornaram mais rígidas e restritas; e, ainda, sobre a queda da criatividade entre profissionais iniciantes no jornalismo (Waltz, 2015).

2.2. A construção da presença no testemunho

Ir a campo, apurar informações, conversar com as pessoas, tudo isso faz parte da atuação do repórter. Por conseguinte, são atividades que ganham ainda mais significado, quando avaliados sobre a ótica do testemunho ocular (na literatura internacional, *eyewitnessing*). O jornalista não apenas ouviu relatos sobre incidentes, desastres e guerras. Ele esteve lá, presenciou, vivenciou, e por isso está apto a testemunhar sobre esses eventos. O conceito de testemunha, no entanto, tem amplos significados, mesmo entre os estudos de jornalismo. Categorias como *testemunho móvel*, *testemunho imersivo*, *testemunho em rede*, entre

³ O conceito de jornalismo sentado se refere ao tratamento de informações por parte de profissionais que não foram designados para coletá-las em campo, em contato direto com a fonte. Essa concepção faz oposição ao jornalismo "em pé", correspondente a interação direta com as fontes (conforme Waltz, 2015).

outros, foram surgindo para dar conta das diferentes dinâmicas dos atos de testemunho (Pantti *et al.*, 2019).

Em relação ao jornalismo, há duas diferenças que devem ser pontuadas quanto aos papéis da fonte e do jornalista. O jornalista que atua na cobertura de guerras, conflitos e desastres deve relatar os acontecimentos de uma perspectiva distanciada, objetiva — embora exista uma tendência que apoia a subjetividade jornalística em certos tipos de narrativas. Já as fontes possuem um papel que deve ser mais ativo: o de transmitir responsabilidade moral, de forma a encorajar “os destinatários da mensagem a agirem em resposta à violência situacional ou estrutural” (Pantti *et al.*, 2019, p. 5). Na literatura internacional, esse papel está diretamente relacionado ao conceito de *bear witness* (em português, *testemunhar* ou *dar testemunho*). Esses dois papéis englobam o chamado *testemunho mediático* (Peres, 2021).

O conceito de testemunho, conforme a literatura convencional, submete o ato à presença corporal do indivíduo no evento, a um *estar lá*, para que, de fato, o relato seja considerado um testemunho. Porém, mesmo que um indivíduo estivesse de corpo presente no local do acontecimento, não há garantias de que o seu relato, a sua versão, corresponda de forma precisa aos eventos ocorridos (Peres, 2021). A possibilidade de ruídos e mal-entendidos permanece, e cabe ao jornalista encontrar o *meio-termo* entre as versões, para se aproximar o quanto puder da verdade. Dessa forma, no entendimento de Peres (2021), o ato de testemunho é, antes de tudo, sobre aquilo que lhe escapa.

Uma questão, no entanto, deve ser levada em consideração ao se discutir a presencialidade, principalmente quando tomada a inserção tecnológica nas práticas jornalísticas e as suas implicações na superação do espaço-tempo: o elemento físico é um fator essencial para a construção ou a percepção da presença? Nossa tendência é acreditar que a presença pode existir, mesmo em situações de distanciamento físico, por meio dos *efeitos de presença*, como colocado por Peres (2021). A autora defende que essa presença, vital para o testemunho, pode ser construída por meio da narrativa jornalística. Pode não necessariamente revelar que o acontecimento ocorreu da forma que está relatado, mas que ele foi apreendido daquela maneira. O *efeito de presença* é realizado por meio da linguagem e depende acima de tudo dos elementos utilizados pelo jornalista, enquanto autor, para desdobrar o testemunho em relatos.

2.3. Redução da presencialidade e impactos da pandemia sobre a produção jornalística

Em levantamento (Figaro, 2021) realizado pelo Centro de Pesquisa Comunicação e Trabalho (CPCT), da Universidade de São Paulo (USP), com 994 profissionais da comunicação, 68% dos respondentes afirmaram trabalhar em *home office* na pandemia. Outros 20% destacaram estar em jornada mista de trabalho. Diante das limitações da presencialidade, as rotinas sofrem alterações. Os profissionais se veem obrigados a realizar suas atividades laborais diretamente de suas casas, sem acesso presencial às ruas e às fontes, sem contato pessoal com seus colegas e gestores. Para alguns, essa realocação é traduzida em uma melhor otimização do tempo, quando se leva em conta que o tempo de deslocamento para o trabalho deixa de fazer parte da rotina. A tecnologia, nesse caso, pode ser uma aliada.

Em contrapartida, essa mesma tecnologia que permite a interação mediada e suspende a necessidade da presença física pode se tornar um elemento que favorece a intensificação da jornada de trabalho. Com o auxílio da internet, dos computadores e dos smartphones, há uma facilidade de contato, que favorece uma noção equivocada de que o trabalhador está (ou precisa estar) sempre disponível. Nessa lógica, os limites entre tempo para o trabalho e para as atividades domésticas são embaçados, segundo pesquisa de Figaro (2021), em que os respondentes declararam não ter seus horários livres respeitados. Os comentários também ressaltam o aumento na demanda por produtividade, excesso de trabalho sem aumento de salário, o medo de perder o emprego, a falta de confiança, a dificuldade em se desligar do trabalho, a exaustão física e mental. Questões que afetam a rotina desses profissionais, a qualidade da sua performance e, por consequência, a qualidade da informação jornalística.

Com o trabalho remoto, as práticas de apuração também sofreram alterações, revela pesquisa desenvolvida em 2020 pelo International Center for Journalists (ICFJ), com 1.406 respondentes entre jornalistas, editores, CEOs e outros trabalhadores, de pelo menos 125 países. Os respondentes afirmaram realizar mais entrevistas por aplicativos de áudio e vídeo, e-mail e telefone (67%), além de utilizarem mais dados da internet (50%) e se apoiarem mais em declarações de fontes oficiais e governamentais (Posetti, Bell e Brown, 2020).

No caso do jornalismo, outras preocupações ainda permanecem. Os jornais precisarão compensar o que se perde nas relações de trabalho distantes do escritório, como “o elogio improvisado, o pequeno discurso estimulante, a transparência que advém de poder passar pela sala de conferências” (Margalit, 2020). Perde-se ainda a possibilidade do compartilhar de experiências entre diferentes gerações de profissionais, no ambiente das redações. Segundo Margalit (2020), esse prejuízo é maior para os iniciantes no jornalismo. Soma-se a isso o distanciamento das ruas e das fontes, intensificado pela situação de pandemia — embora já se tornasse uma realidade em muitas redações, devido às práticas do jornalismo sentado e da virtualização das atividades.

Por outro lado, já considerando as possibilidades do modelo de trabalho remoto se consolidar no cenário pós-pandemia do jornalismo, muitos profissionais têm visualizado uma oportunidade de atuar em possíveis *postos avançados* das redações. Esse ponto também é destacado por Margalit (2020). Essas sucursais de redações, como ela sugere, podem contribuir para que profissionais concorram a vagas sem se preocupar com as dificuldades de deslocamento. Assim, alcançando as periferias e trazendo mais diversidade para as empresas, tanto do ponto de vista da cultura organizacional, quanto do olhar sobre suas práticas e o resultado de seus produtos.

3. Procedimentos metodológicos

Nossa pesquisa visa a compreender como a redução da presencialidade pode afetar a qualidade da informação jornalística. Buscou-se i) identificar em quais dimensões a presencialidade encontra-se dentro da cadeia de produção do jornalismo; ii) identificar quais fatores contribuem para a noção de presencialidade; e iii) examinar quais desses fatores são considerados mais importantes para jornalistas, docentes e estudantes de jornalismo. A partir desses procedimentos, tentamos responder até que ponto as limitações provocadas pela pandemia podem afetar o processo de produção da notícia? Em que dimensões a presencialidade é percebida dentro das dinâmicas produtivas do jornalismo? De que maneira é possível produzir informação jornalística de qualidade com restrições de presencialidade?

Partimos de uma pesquisa exploratória, realizada por meio de revisão bibliográfica (Gil, 2002) e aplicação de *survey* como instrumento de coleta de dados de orientação etnográfica. O questionário foi elaborado com dez questões, em formulário da plataforma *Google*. As perguntas iniciais são relativas ao perfil do respondente. Já as duas últimas questionam a percepção dos respondentes sobre as dimensões de qualidade do jornalismo e os fatores de presencialidade, em relação a sua contribuição para a qualidade da informação jornalística. A proposta é capturar como os grupos se posicionam, dado seu nível de experiência, ocupação, vínculo de trabalho, faixa etária etc. O *survey* foi lançado para o público em 24 de agosto de 2021 e ficou disponível até 20 de setembro de 2021. A divulgação ocorreu entre redes de contatos dos grupos envolvidos na pesquisa, por meio das redes sociais e contato direto com universidades e centros de ensino superior de jornalismo, pelo envio de informativos. A mobilização se circunscreveu ao estado do Ceará, alcançando 112 respondentes.

O questionário incorporou informações sobre o perfil dos respondentes, como sua faixa etária, experiência profissional e função desempenhada em contexto de trabalho, na perspectiva que pudessem nos dar possibilidade de cruzamento de dados para estabelecer nexos de interpretação mais aproximados. É o caso, por exemplo, quando tomamos como possível fator de valoração da presencialidade para a qualidade da produção jornalística *a(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos*. Nesse aspecto, a relação com a mediação tecnológica assume um papel determinante. E sabemos que diferentes faixas etárias mantêm diferentes formas de relação com a tecnologia.

4. Consolidação de dados

A primeira observação é que nossa amostra consiste em uma proporção significativa de profissionais jornalistas em atuação no mercado local. A maioria dos respondentes atua em empresas de comunicação/jornalismo e tem até dez anos de experiência profissional. As principais funções exercidas são: assessor(a) de comunicação, repórter e *social media*. O perfil dos participantes é de maioria jovem, concentrada especialmente entre a faixa etária dos 20 aos 29 anos.

Tabela 1 – Faixa etária dos respondentes

Idade	N	%
Até 19	8	7.1%
20 a 29	67	59.8%
30 a 39	26	23.2%
40 a 49	8	7.1%
Mais de 50	3	2%

Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto à ocupação, a maioria é de jornalistas em atuação no mercado, com destaques também para estudantes de jornalismo em estágio e estudantes que nunca estagiaram:

Tabela 2 – Ocupação dos respondentes

Ocupação	N	%
Jornalista EM atuação no mercado	54	48.2%
Estudante de jornalismo que NUNCA estagiou	13	11.6%
Estudante de jornalismo EM estágio	12	10.7%
Jornalista SEM atuação no mercado	9	8%
Estudante de jornalismo que JÁ estagiou, mas NÃO está estagiando agora	8	7.1%
Jornalista ou docente sem trabalho atual	7	6.3%
Docente em jornalismo E COM atuação no mercado	6	5.4%
Docente em jornalismo E SEM atuação no mercado	3	2.7%

Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto ao tempo de experiência profissional dos respondentes, a maioria acumula até 10 anos de experiência profissional.

Gráfico 1 – Experiência profissional dos respondentes



Fonte: elaborado pelos autores.

O grande número de respondentes com pouco tempo de experiência justifica-se pela quantidade de estudantes que participaram da pesquisa. Além disso, considerando que a maioria é composta por jovens na faixa etária dos 20 a 29 anos, é esperado que boa parte desse grupo seja iniciante no mercado.

4.1. Dimensões de qualificação do jornalismo

O questionário propôs aos participantes um processo de valoração de 17 dimensões de qualificação do jornalismo. Elas foram classificadas segundo o nível de importância que teriam para a qualidade no jornalismo, em que 1 significa o mais baixo nível e 5 o mais alto nível.

Tabela 3 – Valoração das dimensões de qualidade

Dimensão	Nível de importância 1 (%)	Nível de importância 2 (%)	Nível de importância 3 (%)	Nível de importância 4 (%)	Nível de importância 5 (%)
Veracidade	0	0	4.4	1.7	93.7
Responsabilidade social	0	0.8	5.3	3.5	90.1
Ética	0	0	5.3	5.3	89.2
Transparência	0	1.7	4.4	8.0	85.7

Dossiê **Visualidades: estéticas, mídias e contemporaneidade** - <https://revistaecopos.eco.ufrj.br/>

ISSN 2175-8689 – v. 26, n. 2, 2023

DOI: 10.29146/eco-ps.v26i2.12382

Dimensão	Nível de importância 1 (%)	Nível de importância 2 (%)	Nível de importância 3 (%)	Nível de importância 4 (%)	Nível de importância 5 (%)
Verificabilidade	0	0.8	5.3	11.6	82.1
Pluralidade	0	3.5	4.4	12.5	79.4
Diversidade	0	2.6	6.2	13.3	77.6
Interesse público	0	0.8	8.9	13.3	76.7
Precisão	0	0.8	7.1	22.3	69.6
Objetividade	0.8	1.7	14.2	25.8	57.1
Independência	0	4.4	16.0	28.5	50.8
Atualidade	0	2.6	22.3	24.1	50.8
Proximidade	1.7	8.0	16.9	29.4	43.7
Presencialidade	1.7	7.1	25	28.5	37.5
Apartidarismo	4.4	11.6	30.3	20.5	33.0
Imparcialidade	9.8	12.5	30.3	23.2	24.1
Subjetividade	8.0	20.5	35.7	19.6	16.0

Fonte: elaborado pelos autores.

Conforme apresentado na Tabela 3, presencialidade, a dimensão que mais nos interessa nesta pesquisa, foi considerada de importância acima da média para 66% dos participantes (74), de importância média para outros 25% (28) e abaixo da média para 8.9% (10). Entre os que as consideraram acima da média, 42 definiram presencialidade com importância máxima (5). A veracidade, ratificando o posicionamento histórico da cultura profissional do jornalismo, aparece como a dimensão mais valorada para a qualidade jornalística (importância nível 5 – 93,7%) — certamente um resultado influenciado pela onda de *fake news* e desinformação que inundou as plataformas digitais de distribuição de informação, processo acentuado com a pandemia.

Uma dimensão que ainda segue nos manuais de ensino de jornalismo como princípio da produção da notícia, no caso a objetividade, ocupa apenas uma posição intermediária na tabela

de valoração (importância nível 5 – 57,1%). Destaque ainda mais perceptível se dá com a imparcialidade, que alcança um resultado *vexaminoso* em sua importância para a qualidade jornalística, ocupando a penúltima posição na tabela (importância nível 5 – 24,1%). Em relação a essas duas variáveis, o contexto de polarização política vivenciado pelo país, que também contamina a produção e percepção do jornalismo, pode ser um fator relevante no posicionamento dos respondentes. Um viés mais crítico da audiência, possibilitado pelo cruzamento de versões da cobertura jornalística a partir do acesso virtual simultâneo a diversos veículos de jornalismo, também poderia estar influenciando essa percepção. Ou mesmo o movimento de iniciativas de jornalismo independente, pautadas por uma cobertura posicionada, vinculada a causas.

4.2. Resultados gerais sobre a dimensão presencialidade

A última questão do nosso *survey* distingue dez fatores relacionados à dimensão presencialidade e pede aos respondentes que atribuam valor de importância a esses fatores, conforme a sua contribuição para a qualidade da informação jornalística. O valor 1 corresponde ao mais baixo nível e o valor 5 ao mais alto nível de importância.

Tabela 4 – Fatores de presencialidade para a qualidade da informação jornalística

Fatores de presencialidade para a qualidade da informação jornalística	Nível de importância 1	Nível de importância 2	Nível de importância 3	Nível de importância 4	Nível de importância 5
	%	%	%	%	%
A(o) jornalista estar atento aos gestos, falas, olhares e expressões da fonte e os sentidos que eles produzem	0%	1.7%	12.5%	20.5%	65.1%
A(o) jornalista entregar-se à experiências e relatos da fonte, sem estar fixo a ideias preestabelecidas	0.8%	6.2%	12.5%	23.2%	57.1%

Fatores de presencialidade para a qualidade da informação jornalística	Nível de importância 1	Nível de importância 2	Nível de importância 3	Nível de importância 4	Nível de importância 5
	%	%	%	%	%
A(o) jornalista ter contato rotineiro com a cidade	1.7%	2.6%	11.6%	33.0%	50.8%
O tratamento da informação ser realizado pela(o) jornalista que apurou as informações nas ruas e/ou diretamente com as fontes	0.8%	3.5%	14.2%	32.1%	49.1%
A(o) jornalista ir às ruas em busca de personagens e dados exteriores para as matérias	4.4%	0.8%	20.5%	36.6%	37.5%
A(o) jornalista entrevistar pessoalmente as fontes	5.3%	7.1%	25.0%	38.3%	24.1%
A(o) repórter interagir presencialmente com (a)o editor(a)	2.6%	7.1%	30.3%	37.5%	22.3%
A(o) jornalista realizar entrevista no ambiente das fontes	8.9%	8.9%	28.5%	37.5%	16.0%
A(o) jornalista estar no ambiente físico da redação	8.9%	16.0%	29.4%	29.4%	16.0%
A(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos	9.8%	11.6%	39.2%	25.0%	14.2%

Fonte: elaborado pelos autores.

Percebe-se que, ao contrário das dimensões da qualidade, a série de fatores que valoram especificamente a dimensão da presencialidade tem uma distribuição mais acentuada em torno dos níveis de importância. A princípio, ainda ocorreria maior reflexão quando os respondentes são instados a se posicionarem. Fato é que a presencialidade assume uma posição de relevância na cultura profissional do jornalismo apenas quando percebida pela adoção do trabalho em *home office*. Como elemento ainda *estranho* aos processos de produção, é compreensível que haja um incômodo em relação à sua valoração. Mesmo que o jornalismo sentado já fosse uma realidade antes da pandemia, era praticado no ambiente das redações. O trabalho remoto pandêmico força a saída desse ambiente, convertendo a casa em local de trabalho do jornalista.

Tomando-se por base especificamente o maior nível de valoração dos fatores (importância nível 5), a interação face a face ganha destaque, ocupando a primeira posição na tabela (65,1%). Para uma interpretação possível desse resultado, observe-se que a pesquisa é realizada em período ainda de rescaldo dos processos de isolamento a que foi submetida a população no Brasil. Havia um sentimento da necessidade de se voltar às ruas, de se interagir socialmente fora dos ambientes das telas — um cansaço quanto à reclusão. Na perspectiva de um processo que reflete e refrata a realidade, aqueles envolvidos com a produção do jornalismo não estariam imunes a esse clamor. Reforça essa percepção o fato do terceiro fator mais valorado tratar-se da necessidade do contato rotineiro com a cidade, marcado por metade dos respondentes com nível 5 de importância.

Em sentido contrário, mas ainda resultante da indefinição frente à questão da presencialidade, temos uma distribuição bem equilibrada em relação ao fator de valoração relacionado ao jornalista ter que entrevistar pessoalmente as fontes. Para esse fator, o nível de importância 5 (24,1%) perde para o nível de importância 4 (38,3%), ainda contando com uma forte representação de respondentes que optaram pelo nível 3 de importância (25%). Parece que o instrumento de trabalho considerado básico na produção do jornalismo, a entrevista, perde espaço na cultura profissional, quando considerada a importância da presencialidade para a sua execução, naquilo que Medina (2008) acha necessário para o *diálogo possível*. Avanço da mediação tecnológica, produção mais agressiva oriunda das assessorias e redução de custos na esteira da crise financeira das empresas jornalísticas podem ser elementos que abram caminhos para explicações possíveis sobre esses resultados.

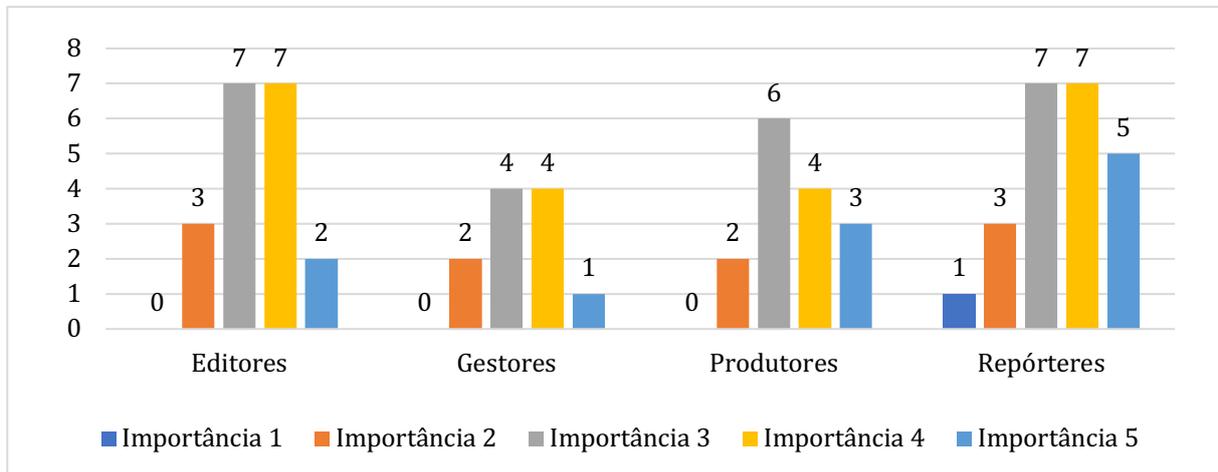
Já não se faz mais jornalismo como antigamente! Talvez essa frase passe na cabeça de muita gente ligada à produção do jornalismo ao se deparar com a valoração emprestada pelos respondentes da pesquisa ao fator *a(o) jornalista ser testemunha ocular dos fatos*. Aparecendo na posição de *lanterna* da tabela, com apenas 14,2% que consideram nível de importância 5 para a presencialidade enquanto dimensão de qualidade, e 39,2% que o consideram *tanto faz* (nível médio de importância), os resultados demonstram um abandono frente a um dos bordões mais caros à produção jornalística. A crescente participação das fontes no processo de produção noticiosa, na perspectiva de um jornalismo colaborativo, com a ocupação dos espaços de produção por vídeos e outros formatos produzidos pela audiência, podem insinuar possíveis

explicações. A utilização de informações produzidas por câmeras de vigilância, e que vêm infestando os telejornais diários (Torres Neto e Patrício, 2022), trazem argumentos mais recentes.

4.3. Resultados transversais sobre a dimensão presencialidade

Para além dos dados gerais sobre a dimensão da presencialidade, como forma de estabelecermos alguns cruzamentos possíveis frente às variáveis incorporadas à pesquisa, destacamos uma análise específica considerando as funções desempenhadas no trabalho pelos respondentes. Para estabelecermos esse cruzamento, tomamos por base o fator de valoração da presencialidade *a(o) jornalista estar no ambiente da redação*, que assume uma vinculação mais direta com a cultura profissional. Dentre os fatores avaliados na pesquisa, “a(o) jornalista estar no ambiente da redação” está relacionado ao ambiente de uma empresa jornalística. Por isso, consideramos observar como funções que atuam diretamente no ambiente da redação (gestores, produtores e editores) iriam valorar esse fator para a qualidade da informação, em comparação com repórteres, que também atuam em campo.

Gráfico 3 – Cruzamento a partir das funções. *A(o) jornalista estar no ambiente da redação*.



Fonte: elaborado pelos autores.

Nosso primeiro achado revela um nível de importância equilibrado entre o valor 3 e o 4 para todos os grupos, com exceção dos produtores, que indicaram uma maior importância para o nível 3, a média de relevância. Nota-se pelo Gráfico 3 que os repórteres atribuem valor mais alto ao item “a(o) jornalista estar no ambiente da redação”, com 25% dos 23 participantes da categoria, enquanto 40% dos produtores indicaram importância média para a qualidade da informação jornalística. O ambiente da redação deve ter uma importância maior para os repórteres pela oportunidade de interagir com os colegas e compartilhar saberes e experiências, um dos valores considerados mais relevantes na cultura profissional (Nicoletti, 2019; Sennet, 2009; 2015).

Considerações finais

A análise da presencialidade como dimensão da qualidade do jornalismo é oportuna e essencial para avaliar os impactos provocados pela pandemia da covid-19 sobre a instituição jornalística — ou, mais especificamente, sobre a produção jornalística. Afinal, um jornalismo produzido com excelência pode dar subsídio à sociedade para lidar com situações extremas como essa incitada pela doença, ao organizar o caos informativo e servir de ponte entre os diversos grupos sociais e os principais agentes que atuam em combate à crise.

Identificamos que a presencialidade atravessa diversos momentos da produção jornalística, seja de forma concreta, ao simples estar ou não de corpo presente no ambiente da redação ou no local dos eventos e em contato com as fontes, seja de forma simbólica, por meio da entrega na interação dialógica, da atenção dedicada, ou da construção da presença por meio da narrativa. Esses fatores posicionam a presencialidade de uma forma que, mesmo diante da restrição do elemento físico, é possível encontrá-la. Dessa forma, a redução da mobilidade por si só não seria um elemento de completa desvalorização da qualidade da informação jornalística, visto que há outras formas de construir essa presencialidade.

Como desdobramento desta pesquisa, outras avaliações podem ser realizadas. Há ainda mais funções que podem ter sua percepção sobre a presencialidade avaliada, seja em relação aos ambientes em que atuam, ao tempo de experiência, relação com o mercado etc. Uma possibilidade seria repercutir as considerações e achados desta pesquisa com a audiência. Também seria interessante a aplicação da pesquisa em intervalos regulares, de modo a

perceber como as dimensões de qualidade se adaptam ao longo do tempo e como elas podem indicar futuras transformações do jornalismo.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Juliana Correia; SILVA NETO, Josafá Bonifácio. Gestão da Qualidade Editorial: aplicação do software Q-Avalia para análise de jornais do Nordeste. In: 16º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPJor, 2018.

FIGARO, Roseli. *Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19*. ECA USP, 2021. Disponível em: < https://comunicacaoetrabalho.eca.usp.br/publicacoes_cpct/como-trabalham-os-comunicadores-no-contexto-de-um-ano-da-pandemia-de-covid-19-1-ano-e-500-mil-mortes/>. Acesso em: 23 nov. 2022.

FÜRST, Silke. In the Service of Good Journalism and Audience Interests? How Audience Metrics Affect News Quality. *Media And Communication*, [S.L.], v. 8, n. 3, p. 270-280, 24 ago. 2020.

GIL, Antônio Carlos. *Metodologia da pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2002.

GUERRA, Josenildo. Qualidade editorial: proposta de um ambiente e de uma ferramenta para avaliação de qualidade. In: 14º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2016, Palhoça. *Anais...* Palhoça: SBPJor, 2016.

GUERRA, Josenildo. Ranking Q-Avalia da qualidade jornalística Brasil-Portugal 2018: uma avaliação experimental. In: 16º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPJor, 2018. .

GUERRA, Josenildo; FEITOZA, Liliane; GONÇALVES, Jussara. Qualidade em jornalismo: avaliação experimental dos requisitos pluralidade e relevância em três veículos brasileiros. In: 17º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2019, Goiânia. *Anais...* Goiânia: SBPJor, 2019.

MARGALIT, Ruth. Out of Nowhere: what's lost and won as newsrooms close their offices for good. What's lost and won as newsrooms close their offices for good. *Columbia Journalism Review*, 2020. Disponível em: <https://www.cjr.org/special_report/out-of-nowhere.php>. Acesso em: 23 nov. 2022.

MEDINA, Cremilda. *Ato presencial: mistério e transformação*. São Paulo: Casa da Serra, 2016.

MEDINA, Cremilda. *Entrevista: o diálogo possível*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MEIJER, Irene Costera; BIJLEVELD, Hildebrand P. Valuable Journalism. *Journalism Studies*, [S.L.], v. 17, n. 7, p. 827-839, 13 maio. 2016.

NICOLETTI, Janara. *Reflexos da precarização do trabalho dos jornalistas sobre a qualidade da informação: proposta de um modelo de análise*. Tese (Doutorado em Jornalismo). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Florianópolis: 2019.

- PANTTI, Mervi Katriina *et al.* Journalism and witnessing. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. *The Handbook of Journalism Studies*. Nova York: Routledge, 2019.
- PELLEGRINI, Silvia; PUENTE, Soledad; GRASSAU, Daniela. La calidad periodística en caso de desastres naturales: cobertura televisiva de un terremoto en Chile. *Estudios Sobre El Mensaje Periodístico*, [S.L.], v. 21, p. 249-267, 26 nov. 2015.
- PERES, Ana Claudia. Jornalismo: testemunha lacunar da história. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, S.I, v. 18, n. 1, p. 25-37, jun. 2021.
- POSETTI, Julie; BELL, Emily; BROWN, Pete. *Journalism and the pandemic: a global snapshot of impacts*. a global snapshot of impacts. International Center for Journalists, 2021. Disponível em: <<https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>>. Acesso em: 23 nov. 2022.
- PRAZERES, Michelle; RATIER, Rodrigo. O fake é fast? Velocidade, desinformação, qualidade do jornalismo e media literacy. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 86-95, 18 jun. 2020.
- RIVAS-DE-ROCA, Rubén; CARO-GONZÁLEZ, Francisco J.; GARCÍA-GORDILLO, Mar. Indicadores transnacionales de calidad informativa basados en la experiencia de periodistas locales: estudios de caso en medios digitales de Alemania, España y Reino Unido. *Congreso Internacional de La Asociación Española de Investigación de La Comunicación*, [S.L.], p. 39-50, 25 set. 2020.
- ROMERO-RODRÍGUEZ, Luis M; AGUADED, Ignacio. Toward a taxonomy of newspaper information quality: an experimental model and test applied to Venezuela dimensions found in information quality. *Journalism*, [S.L.], v. 18, n. 10, p. 1327-1345, 11 ago. 2016.
- ROTHBERG, Danilo; GARRIDO, Bibiana Alcântara. Por uma agenda de pesquisa em qualidade no jornalismo. In: 16º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPJor, 2018.
- SANCHEZ-TABERNERO, Alfonso. *Los contenidos de los medios de comunicación: calidad, rentabilidad y competencia*. Barcelona: Ediciones Deusto, Colección CIEC, 2008.
- SANTOS *et al.* Qualidade e transparência editorial: um estudo exploratório dos jornais do centro-oeste. In: 16º Congresso Brasileiro de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), 2018, São Paulo. *Anais...* São Paulo: SBPJor, 2018.
- SANTOS, Ébida; GUAZINA, Liziane. Qualidade no jornalismo: percursos estrangeiros, problemas brasileiros. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 32-42, 18 jun. 2020.
- SENNETT, Richard. *O Artífice*. Rio de Janeiro: Record, 2009.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: As consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- TORRES NETO, A. P., & PATRÍCIO, Edgard. A realidade revisitada: as imagens de videovigilância como elemento de noticiabilidade na produção telejornalística. *Novos Olhares*, 11(1), 16-30, 2022.

WALTZ, Igor. O “Jornalista sentado” e condições de produção: considerações sobre práticas profissionais na comunicação em rede. *Leituras do Jornalismo*, v. 2, n. 4, p. 116-133, 2015. Disponível em:

<<https://www3.faac.unesp.br/leiturasdojornalismo/index.php/leiturasdojornalismo/article/view/69/65>>. Acesso em: 13 jul. 2021.

Ismia Kariny Correia da Silva Costa – Universidade Federal do Ceará – UFC

Jornalista formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestranda em Comunicação pela mesma universidade e integrante do grupo de pesquisa PráxisJor. Atualmente, dedica-se aos estudos do jornalismo, com ênfase na qualidade da informação.

E-mail: ikcjornalista@gmail.com

Edgard Patrício – Universidade Federal do Ceará – UFC

Jornalista e professor do Curso de Jornalismo e do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Coordena o grupo de pesquisa Práxis no Jornalismo - PráxisJor. Produz o podcast PapoCom - Comunicação e Sociedade. É batuqueiro de alfaia do Maracatu Solar.

E-mail: edgard@ufc.br